

## **EDUCAÇÃO BÁSICA: PRIMEIRAS APRECIÇÕES**

Pâmela Cristina Negri - Unoesc

Anderson Luiz Tedesco - Unoesc

Apoio Financeiro - CAPES

### **RESUMO:**

Este ensaio teórico surge a partir das discussões bibliográficas ocorridas no Projeto de Pesquisa Observatório da Educação, aprovado pela CAPES, intitulado: “Estratégias e ações multidisciplinares nas áreas de conhecimentos das ciências humanas, ciências da natureza e linguagens, na mesorregião do Oeste catarinense: implicações na qualidade da educação básica”, do Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc. Objetiva-se criar condições reflexivas acerca da escolha do ser educador e de sua relação com o contexto dos estudantes da educação básica. Afinal, é de suma importância, aos acadêmicos dos cursos de licenciaturas adquirirem esse conhecimento sobre a realidade e o cotidiano escolar no processo de formação e constituição de novas práticas pedagógicas. E, neste mesmo tempo, compreender os próprios limites colocados à educação básica. Por conseguinte, duas provocações foram levantadas aonde queremos chegar como profissionais da área da educação básica? E, quais são os desafios e os limites a ser enfrentados durante a carreira profissional? Concluindo, ser possível pensar numa educação de qualidade que proporcione aos educandos práticas pedagógicas interdisciplinares e transdisciplinares relacionadas ao contexto da comunidade escolar. Assim, como em todas as profissões existe a distância entre o sonho e a realidade, a carreira do professor não é diferente. Porém é preciso que diariamente sejamos renovados e nos tornemos pessoas mais humanas, abertas e dispostas aos novos horizontes do conhecimento.

**Palavras – chave:** Educação. Escola. Sociedade. Política.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho surge a partir das discussões bibliográficas no Projeto de Pesquisa Observatório da Educação, aprovado pela CAPES, intitulado: “Estratégias e ações multidisciplinares nas áreas de conhecimentos das ciências humanas, ciências da natureza e linguagens, na mesorregião do Oeste catarinense: implicações na qualidade da educação básica”, do Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc. Seu foco se restringe na reflexão sobre o papel da escola de educação básica. Afinal, é de suma importância, aos acadêmicos dos cursos de licenciaturas adquirirem conhecimento sobre a realidade e o cotidiano escolar. É neste mesmo tempo, através de reflexões, compreender os limites colocados à escola, bem como nos questionarmos com relação às maiores dificuldades ligadas ao ensino

na educação básica. Por conseguinte, objetivamos criar condições nesse escrito para uma visão ampla e reflexiva relacionada à profissão que escolhemos e também compreender o contexto dos estudantes, para que ocorra a motivação pelo aprender.

A escola é, hoje, um desafio a todos os membros da comunidade. A evolução decorrente da história, a modernização e os diferentes contextos e realidades inseridas nas instituições requerem novos padrões e condições para realização do ensino propriamente dito e na motivação pelo aprender. A oportunidade de aproximação com a educação cria condições para percepção de percepções positivas e negativas.

Esta experiência do escrever sobre a temática investigada nos amplia a visão da escola e seu entorno, bem como, apresenta desafios que são vivenciadas, conquistas e possibilidades de melhor atuação pessoal e profissional. Por isso, essa reflexão foi sendo construído em etapas, sendo que cada uma originou um dos títulos apresentados em seqüência. Em cada seção foram analisados os seguintes aspectos, **a concepção de educação**, bem como **a educação como transformação do social** e o **projeto político pedagógico**.

## A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO

A educação é um fator presente em nossas vidas desde que nascemos, somos regados de conhecimento de mundo, e aonde há vida existe educação. Ademais, conforme Brandão (1991, p.25),

“ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos: todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.”

Independentemente de onde aconteça, a palavra educação é carregada de sentidos. Nos primórdios a educação acontecia de acordo com cada cultura, os valores de vida e conhecimentos eram transmitidos dos mais velhos às crianças, adolescentes e jovens. Assim, preparavam o grupo para a vida dentro do contexto que estavam inseridos.

Fatores associados a estes nos mostram que a educação não acontece somente dentro da escola, ela está presente mesmo fora da escola e a aprendizagem acontece independentemente de acontecer o ensino propriamente dito.

Antes de qualquer outro fator a educação se constrói por meio da troca de saberes humanos, incluindo às relações de poder, que conforme a passagem histórica e o caminhar da sociedade se concretizaram.

A partir das relações de poder a educação transforma-se em ensino e introduz a pedagogia. As culturas e grupos deixam de ser escola e transformam o “educador”. Deixa de ser livre e comunitária e passa a ser privilégio de alguns, caracterizando assim, o início das desigualdades sociais.

Ademais, ressalto que a educação se constitui e caracteriza-se como política e conseqüentemente é poder. Segundo Brandão (1991, p. 35), “o trabalho que produz os bens e quando o poder que reduz a ordem é dividido, começa a gerar hierarquias sociais, o saber da

tribo divide-se e é distribuído desigualmente e pode passar a servir ao uso político de reforçar a diferença”.

Sejamos realistas quando falamos de educação com qualidade. A escola hoje, do saber sistematizado e mecânico, por vezes, limita o educando quanto ao entendimento verdadeiro do seu mundo. Sobre este aspecto, Freire (1994, p.17) afirma que, “os alunos não tem de memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas aprender a sua significação profunda”.

Precisamos de professores completos, que realizem as suas atividades com amor. Moacir Gadotti em seu livro *A Boniteza de Um Sonho: ensinar e aprender com sentido*, comenta que o professor não deve ser um mero reprodutor de currículo, temos de nos desafiar, manter uma postura investigativa, crítica e reflexiva.

O professor hoje é o chefe da tribo e tem como dever ensinar o conteúdo, as lições de vida e os valores. Temos de tornar o aprendiz um ser ilimitado, que compreenda o seu mundo interior comparado ao exterior.

Acima de tudo precisamos rever nossas metas e propósitos como profissionais colaboradores com a educação e construtores de caráter. Na minha concepção a educação pode ser resumida em uma única frase de Clarice Lispector, “É preciso entender os espinhos para depois amar as rosas”.

## **A EDUCAÇÃO COMO TRANSFORMAÇÃO DO SOCIAL**

É indispensável que façamos uma retrospectiva do passado para que possamos compreender a educação escolar no presente. Em educação, bem como em outros setores tais como: segurança, saúde, transportes urbanos, a sociedade com o decorrer do tempo adquiriu uma postura diferente daquela até então conhecida. E, conseqüentemente todos os demais aspectos que a compõem, inclusive a educação básica.

Tenhamos como exemplo as bases históricas que nos orientam como aspecto inicial da educação no ano de 1549 a ordem religiosa Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola que chega ao Brasil e permanece até 1759. Este é um dos primeiros registros de uma educação que tinha como foco e objetivava catequizar e domesticar adultos.

A educação não era sistematizada e também não pretendia enriquecer o intelectual nas pessoas, tanto que, nas palavras de Saviani (2008, p. 67) “em favor da pretensão dos paulistas de sujeitar os índios ao trabalho escravo, entrou em rota de colisão, seguindo a posição tradicional dos jesuítas, que se opunham à escravidão dos índios.” Isto vem reafirmar, que a educação jesuítica no Brasil, num primeiro momento não foi pensada para educar indígenas, mas sim para domesticar, preparar mão de obra escrava. Ainda conforme Saviani (2008, p.68) “foi desenvolvida uma pedagogia específica voltada para a educação dos escravos”. Percebe-se o verdadeiro objetivo do “ensinar” nesta época.

A constituição antropológica do ensinar na relação dos portugueses com os nativos se estabeleceu de maneira corrosiva e destrutiva, pois esse “relacionar-se com o outro na (relação de alteridade)” (VAZ, 1992, p. 12) não seguiu a perspectiva do reconhecimento do Outro e

do próprio respeitar a esse Outro, tornando-o submisso deste modo a cultura européia. Por conseguinte, instaura-se a dificuldade de se pensar num contexto educativo, significa constituir uma educação que corresponda às vivências do conhecer-se a si mesmo, como a vida no espírito e, por conseguinte, a vida ética:

Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente á descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana (JAEGER, 2010, p. 3).

Essa perspectiva educativa é criada condições para nos conduzir ao conhecimento de si e, contribuir na constituição de um existir mais humano, pois, acreditamos que no ato de sensibilizar na compreensão do Outro. Por isso, encontramos na amizade pelo Outro, o pressuposto de reeducar-se no reconhecimento desse Outro como Alteridade.

De acordo com Agamben (2009, p. 89), essa “amizade é a instância desse com-sentimento da existência do amigo no sentimento da existência própria. Mas isso significa que a amizade tem um estatuto ontológico e, ao mesmo tempo, político”. Reconhece na amizade interligada à educação como caminhar no respeito aquelas culturas nativas, sem desconstruí-las e submetê-las a supremacia cultura européia, como se sucedeu no ato de explorar as riquezas naturais e do catequizar os nativos, inviabilizando deste modo a possibilidade de (“criar uma existência que seja desejável porque se sente que esta é uma coisa boa e essa sensação (*aisthesis*) é em si doce”. (AGAMBEN, 2009, p. 87).

Esse viés do reflexivo do respeitar o Outro como amigo na proposição de Agamben (2009, p. 90) “o amigo não é um outro eu, mas uma alteridade imanente na “mesmidade”, um torna-se outro do mesmo” que contribui na construção de uma existência mais doce. Aqui, adentra-se ao terreno da ética, pois pensa-se nos outros como amigos que compõem a comunidade. Uma amizade compreendida como “a condissão que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida”. E, mais que isso, ela se relaciona com a “partilha sem objeto, esse com-sentir originário que constitui a política” (AGAMBEN, 2009, p. 92).

Quem dera ter sido estabelecido essa relação de amizade com os povos nativos e, não de exploração e catequização em prol do bem estar restrito a coroa Portuguesa, sem o respeito antropológico das culturas existentes em solo brasileiro. Contudo, tecer essas reflexões é de acordo com Bauman um questionar-se; “por que devo fazer isso? Que benefícios me trará?”, deixando-se envolver pelo amar ao Outro, pois “eles o merecem se são tão parecidos comigo de tantas maneiras importantes que neles posso amar a mim mesmo; e se são tão mais perfeitos do que eu que eu possa amar neles o ideal de mim mesmo” (2004, p. 97).

Ora, educar-se para o respeito antropológico, pressupõe trilhar no caminho do Amar como expresso no pensamento de Bauman (2004, p. 98): “aceitar o preceito do amor ao próximo é ato de origem da humanidade”. O sociólogo ainda afirma que “com esse ingrediente, a sobrevivência de um ser humano se torna a sobrevivência da humanidade no humano”. De toda sorte, não foi o que se constituiu no processo de colonização no Brasil, pois, as reflexões nos tendência a perceber - o educar aquém do amar que “é visionário, pois ocorre na ampliação

do ver (do ouvir, do sentir, do cheirar, do tocar) próprio do espaço das condutas relacionais que ocorrem sem preconceitos, sem expectativas, sem generosidade, sem ambição”. Portanto, “conviver fora do amar não é conviver social” e mais que isso “sem o bem-estar do outro e de si mesmo na convivência não é possível viver no caminho do Amar” (MATURANA; H. DÁVILA, X. 2009, p. 84-85). Assim, impossibilitou a construção de uma educação antropológica no Brasil Colônia

E, seqüência na tessitura histórica, o país passa por modificações basicamente nos períodos de 1759 e 1772 em decorrência da vinda da família real para o Brasil. A educação adquire outras características, a preocupação educacional da monarquia portuguesa restringiu-se a formação de elites e dos quadros militares. Saliento que, a constituição republicana de 1891, instituiu a laicidade do ensino que estava sendo ministrado nos estabelecimentos públicos.

Conseqüentemente após estes acontecimentos, caracterizam-se alguns conflitos pedagógicos, de acordo com Giraldelelli (1994, p.19) “basicamente três correntes pedagógicas distintas formaram o cenário das lutas político-pedagógico da Primeira República: a Pedagogia Tradicional, e Pedagogia Nova e a Pedagogia Libertária”.

Neste processo pode-se dizer que a educação vai passando por metamorfoses que colaboram e criam condições para introduzir e dar consistência a ação educativa. A educação é um ciclo que se renova constantemente, principalmente por defrontarmos-nos com um momento de quebra de modelos e paradigmas.

O ensino e aprendizagem passam por um processo de construção. Com relação a este aspecto é indispensável que o educador propicie condições favoráveis para que os educandos possam confrontar e entender o modelo atual de educação. É de suma importância que tenhamos em mente que hoje não é mais fácil e nem mais difícil do que era há algumas décadas atrás. É diferente.

Ademais, conforme Libâneo (2010, p.51),

“como instituição social educativa, a escola e educação vem sendo questionadas acerca de seu papel ante as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo. Elas decorrem, sobretudo, dos avanços tecnológicos, da reestruturação do sistema de produção e desenvolvimento, da compreensão do papel do Estado, das modificações nele operadas e das mudanças no sistema financeiro, na organização do trabalho e nos hábitos de consumo”.

O ritmo de vida acelerado e os avanços das tecnologias mudaram o modo de pensar das pessoas, porém é importante destacar que alguns dos aspectos vivenciados por esta sociedade contemporânea não são favoráveis quando relacionados com a real educação. Bauman (2009, p.7) traz uma consideração indispensável com relação a esta análise, o autor afirma que,

[...] “*vida líquida* e a modernidade líquida estão intimamente ligadas. A vida líquida é uma forma de vida que tende a ser levada adiante numa sociedade líquido-moderna. *Líquido-moderna* é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir”.

Falamos de uma sociedade contingente, frágil e pobre de aspectos que favoreçam o crescimento dos seres humanos. Este é o grande desafio da educação atual. Nesta sociedade de valores passageiros e pouco duradouros, educadores em geral precisam educar mostrando qual é o verdadeiro sentido da educação.

Libâneo (2010, p.53) afirma que,

“precisamos formar indivíduos capazes de pensar e de aprender permanentemente (capacitação permanente) em um contexto de avanço das tecnologias de produção, de modificação da organização de trabalho, das relações contratuais capital-trabalho. Além de, desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania”.

Temos vidas e experiências únicas, estas características que constroem o conhecimento e a educação atual, partindo dos diferentes. Estes aspectos fazem parte de toda uma história que não foi construída por acaso, mas, que reconhece e constrói a gestão e condução educacional atual.

## **O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**

Atualmente, o Projeto Político Pedagógico tem sido objeto de estudo para pesquisadores, instituições de ensino e principalmente professores, que buscam melhorar a qualidade de ensino da educação.

Podemos entendê-lo como a organização do trabalho escolar propriamente dito. De acordo com Veiga (1995, p.12) “ao construirmos os projetos de nossas escolas, planejamos o que temos intenção de fazer, de realizar. Lançamo-nos para diante, com base no que temos, buscando o possível. É antever um futuro diferente do presente.” Partindo do pressuposto de que um projeto não deve ser algo construído e posteriormente arquivado como prova de que a tarefa burocrática foi construída.

É através da vivência de todos os membros da escola que deve ser edificado, levando em consideração todos os aspectos que envolvem a instituição de ensino, partindo dos discentes até os docentes. Ainda conforme Veiga (1995, p.13),

“ao se constituir como um processo democrático de decisões, o projeto preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola, diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão”.

Deve-se buscar no Projeto Político Pedagógico uma forma de organização escolar, através dele é possível organizar metas, princípios e finalidades para educadores, pais, alunos e funcionários.

Através desse projeto bem estruturado e organizado a escola pode lutar e buscar sua autonomia, qualidade e a descentralização do poder. Ademais Veiga contribui afirmando que (1995, p.15) “o Projeto Político Pedagógico não visa simplesmente um arranjo formal da escola,

mas a uma qualidade em todo o processo vivido. Vale acrescentar, ainda, que a organização do trabalho pedagógico da escola tem a ver com sociedade”.

A escola precisa criar condições para que a hierarquização do trabalho seja minimizada e controlada dentro das instituições de ensino. Outras formas de organização do trabalho pedagógico devem ser consideradas.

A construção do Projeto Político Pedagógico contribui positivamente com a busca pela qualidade da educação, descentralização do poder e conseqüentemente a prática de uma gestão democrática e ampliação de mudanças que se fazem necessárias dentro e fora do âmbito escolar. Bem como, quando colocado em prática qualifica e permite um ensino e aprendizagem com disposição moral, social e qualificação.

### **Condições e organização físicas, materiais e de pessoal**

Estamos vivenciando momentos de mudanças constantes tanto na história quanto na educação. As crises políticas, econômicas e sociais e a transformação da sociedade contemporânea nos permitem criar visões e situação de diferentes conceitos sobre a escola.

Somos levados a pensar de diferentes formas sobre a, a direção, a gestão escolar, a qualidade da educação e demais fatores que envolvem este aspecto. A escola sempre foi passível à transformação dos próprios homens.

Apresento uma concepção filosófica que contribui para o entendimento de toda essa questão que afeta diretamente a organização escolar e todos os seus aspectos,

Como vemos, são sempre indivíduos determinados que entram em relações sociais e políticas determinadas. (...) A estrutura social e o Estado resultam constantemente do processo vital de indivíduos determinados. A produção de ideias, de representações e da consciência está ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real. (...) São os homens que produzem as suas representações, as suas ideias, etc. Mas os homens reais, atuantes e como tais foram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do modo de relações que lhe corresponde, incluindo até as formas mais amplas que estas possam tomar. A consciência nunca pode ser mais do que o Ser consciente; e o Ser dos homens é o seu processo de vida real. [...] Contrariamente à filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui parte-se da terra para atingir o céu. Isto significa que não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam e pensam, nem daquilo que são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação parte-se dos homens, da sua atividade real. É a partir do seu processo de vida real que se representa o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas deste processo vital. [...] (MARX e ENGELS. A Ideologia Alemã - Volume 1, p. 25-26).

Dessa forma é perceptível que o ser humano é o responsável por moldar e estruturar tanto a gestão quanto a estrutura física escolar conforme as necessidades que as instituições demonstrarem ter. Porém, não podemos esperar que sejam todas iguais, até porque fatores sociais, econômicos e históricos de cada região interferem diretamente neste aspecto.

Além desses aspectos Gadotti (1993, p. 10) afirma que podem ser fatores determinantes para organização escolar os seguintes aspectos “os agentes da escola, funcionários, alunos, professores e os chamados especialistas. Os graus de ensino, as séries, turmas, ciclos, bem como as escolas técnicas. A legislação escolar, organizações intraescolares e extraescolares. Os meios escolares e as relações sociais da escola e os limites e possibilidades que a escola apresenta”.

Deste modo, entramos na seara de discussões acerca da qualidade educacional, o que não nos é algo tão tranquilo, pois bem se sabe que todos desejam falar em qualidade educacional. Segundo Enquita (1996, p. 95), esse falatório sobre a qualidade ganhou espaço nas “[...] declarações dos organismos internacionais até as conversas de bar, passando pelas modificações das autoridades educacionais, as organizações de professores, as centrais sindicais, as associações de pais, as organizações de alunos [...]”, tornando-se evidente a disseminação do conceito na linguagem. Cabendo a questão; **que raios é, então a qualidade na educação básica?** Brevemente, nas políticas educacionais brasileiras (OLIVEIRA; ARAUJO, 2005, p. 8) nos apresentam que em “1920 mais de 60% da população brasileira era de analfabetos”, por não terem oportunidade de acesso à escola. Deste modo, a qualidade se constituiu num primeiro momento pela construção de Escolas a partir de 1940 até meados de 1970. Posterior a esse período em 1980 até meados de 1990 passou-se a entender a qualidade na educação quanto a permanência dos estudantes nas escolas - portanto a regularização do fluxo. Por conseguinte, de 1990 pra diante se entende a constituição da qualidade pela aferição de desempenho mediante testes em larga escala.

Essa, nova onda, de entender a qualidade educacional se consolida no compreender de Gentili (1995), como uma contraposição a idéia de **democratização** que se desenvolve na América Latina até a década de 1980. Deste modo, adentra-se descaradamente numa lógica perversa da exclusão, pois se atribui um valor objetivo e concreto à qualidade, como sendo um produto. A exemplo disso é quando desejo ter um produto que a maioria pode ter eu pago um determinado valor, caso eu deseje um produto mais personalizado o valor a ser pago será outro e, assim se atendem a todos os gostos de acordo com o financeiro.

E, o mais trágico disso tudo, que essa mesma lógica mercadológica foi levada à educação. Ou seja, vive-se a época dos resultados padronizados, do número obtido, a educação passa a ser um produto. Visto, como algo, estático e sem vida, pois se tira toda a subjetividade do ambiente escolar. Gerando, a exclusão entre as escolas, a culpabilização do professorado e a fragmentação do conhecimento, pelo cumprimento de políticas educacionais massacradoras, que estabelece, ou impõem metas a serem cumpridas acreditando ser o Brasil, ah meu Brasil de terras e sabores... de amores e dizeres... de samba e de reggae, homogêneo, quando sabemos que no-lo é.

Ora, frente a essa lógica perversa, do sujeito igual à número. Somos verdadeiramente isso, números ao Estado. Basta olharmos o nosso CPF, cartões bancários ou matrículas escolares, cadê a nossa historicidade? Cadê a historicidade do estudante que vai a escola?

Por isso, a partir da década de 1990 se ergue a bandeira de uma qualidade social na educação. Por isso, para Dourado, Oliveira e Santos (2007, p. 19-20) as “dimensões mínimas comuns da qualidade da educação” encontram-se no plano extraescolar e, por conseguinte, no plano intraescolar com as implementações de ações que priorizem:

- a) Existência de salas de aulas compatíveis às atividades e à clientela; b) Ambiente escolar adequado à realização de atividades de ensino, lazer e recreação, práticas desportivas e culturais, reuniões com a comunidade etc.; c) Equipamentos em quantidade, qualidade e condições de uso adequadas às atividades escolares; d) Biblioteca com espaço físico



apropriado para leitura, consulta ao acervo, estudo individual e/ou em grupo, pesquisa online, dentre outros, incluindo, acervo com qualidade e qualidade para atender trabalho pedagógico e ao número de alunos existentes na escola; e) Laboratório de ensino, informática, brinquedoteca, entre outros; f) Serviços de apoio e orientações aos estudantes; g) Garantia de condições de acessibilidade e atendimento para portadores de necessidades especiais; h) Ambiente escolar dotado de condições de segurança para alunos, professores, funcionários, pais e comunidade em geral; i) Programas que contribuam para uma cultura de paz na escola.

Deste modo, essa “qualidade social da educação escolar não se ajusta, portanto aos limites, tabelas, estatísticas e fórmulas numéricas que possam medir um resultado de processos tão complexos e subjetivos” (SILVA, 2009, p. 10). Por isso, acredita-se na qualidade social na educação, como um dos caminhos de desconstrução das exclusões sociais, pois ela é “comprometida com a humanização e com a formação integral, sendo assim referenciada nos sujeitos sociais”. (ARAUJO, 2012, p.197). Assim, a qualidade social na educação é referenciada nos “sujeitos sociais é contextual, histórica, respeita trajetórias e culturas; portanto não é algo padronizado, generalizável, objetivo e descontextualizado. Logo, é construção social dinâmica e que reflete as condições dos seres humanos e do processo histórico” (ARAUJO, 2012, p.211).

Ante o exposto é perceptível que a educação incluindo todos os seus aspectos deve ser refletida e estudada tendo como princípio visualizar as partes para então conseguir compreender o todo e conseqüentemente as mudanças percebidas nesta sociedade moderna e contemporânea.

Levando em consideração todos os aspectos analisadas em cada um dos textos apresentados anteriormente vejo como aspecto importante conhecer e analisar falar e pensamentos de profissionais que estão atuando na escola de educação básica. Assim, com base nos autores e referências citadas é possível perceber a prática efetiva da educação e a realidade escolar e educacional atual.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ante o exposto, ampliamos a partir da literatura investigada, um pouco mais sobre a compreensão do dia a dia escolar, bem como as dificuldades encontradas na padronização do conhecimento e das políticas educacionais. Entende-se que a escola de Educação Básica ainda precisa melhorar muito em diversos aspectos. A educação tem de favorecer e proporcionar meios para que os alunos tornem-se críticos e percebam a realidade e contexto em que estão vinculados, para poder interferir ativamente na sociedade.

A escola, afinal, é a grande responsável por proporcionar ao aprendente e ensinante o conhecimento através da sua visão de mundo. Este é um aspecto de extrema importância, relacionar o ensino e o conteúdo com a realidade. E, despertado em nós pelas reflexões oriundas no Projeto de Pesquisa Observatório da Educação, aprovado pela CAPES, intitulado: “Estratégias e ações multidisciplinares nas áreas de conhecimentos das ciências humanas, ciências da natureza e linguagens, na mesorregião do Oeste catarinense: implicações na qualidade da educação básica”. Por isso é importante e indispensável que todas as propostas da unidade

escolar, sejam elas do Projeto Político-Pedagógico, da organização física, pessoal ou profissional colocadas realmente em prática para que se obtenha sucesso e seja possível chegar próximo das metas e objetivos idealizados de uma educação inclusiva e integral do ser humano, sem dissociá-lo do seu contexto.

Contudo, ainda estamos longe desse nosso intento, pois por uma série de fatores se percebe à falta de interesse e motivação, tanto dos educandos quanto dos educadores, sobretudo, com essas políticas verticalizadas que desvalorizam e oprimem o profissional da educação. Neste momento, cria-se uma reflexão sobre aonde queremos chegar como profissionais da área da educação. Os desafios que serão enfrentados durante nossa carreira profissional não serão poucos, porém vejo que oportunidades como esta, de aproximação com a escola, nos tornam capazes de enfrentar as dificuldades e procurar possíveis soluções. Todas as etapas realizadas para a obtenção da conclusão desse trabalho estimularam a busca pela qualidade da educação e também a criação de mecanismos para proporcionar aos educandos melhores condições de ensino. Assim, como em todas as profissões existe a distância entre o sonho e a realidade, a carreira do professor não é diferente. Porém é preciso que diariamente sejamos renovados e nos tornemos pessoas mais humanas, abertas e dispostas ao conhecimento.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinícios Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARAUJO, Adilson Cesar de. **Gestão, avaliação e qualidade da educação: políticas públicas reveladas na prática escolar**. Brasília: Líber Livros – Faculdade de Educação/Universidade de Brasília, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2004.

BORBA, FRANCISCO DA SILVA. **INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS. 13. ED. SÃO PAULO: PONTES EDITORES, 2003.**

BRANDÃO, Inácio de Loyola. **O que é educação**. 26. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 27. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J.F.; SANTOS, C.A. A qualidade da educação: conceitos e definições. **Série Documental: Textos para Discussão**, Brasília, DF, v. 24, n. 22, p. 5-34, 2007.

DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J.F. A qualidade da educação: perspectivas e desafios. **Caderno Cedes**. Campinas, v. 29, n. 78, p. 201-215, maio/ago. 2009. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10 de ago.

DOURADO, Luiz Fernando. Políticas e Gestão da Educação Básica no Brasil: limites perspectivas. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 100, p. 921-946, out. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1428100.pdf>>. Acesso em: abr.2012.

ENGUITA, M. F. O discurso da qualidade e a qualidade do discurso. In: Gentili, P.; Silva, T. **Neoliberalismo, qualidade total e educação**: visões críticas. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 93-110.

JARGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Clássicos WMF)

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

MATURANA, Humberto; DÁVILA, Ximena. **Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural**. Trad. Edson Araújo Cabral. São Paulo: Palas Athenas, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: Do senso comum à consciência filosófica**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

VAISMAN, Ester. **Marx e a filosofia: elementos para discussão ainda necessária**. *Nova econ.* [online]. 2006, vol.16, n.2. Disponível em: < <http://dx.doi.org/> >. Acesso em 22 de junho de 2013.

VAZ, Henrique de Lima. **Antropologia Filosófica II**. Sao Paulo: Loyola, 1992.

VEIGA, Ilma Passos. **Projeto Político – Pedagógico da escola**. 15. ed. São Paulo: Papyrus, 1995.

